

Concepção de Utopia em Bloch e a Crítica Revolucionária

Renan Mosege Araújo Lima *

Introdução

Este texto tem como finalidade apresentar uma leitura sobre a Concepção de Utopia em Ernst Bloch e relacioná-lo com a crítica revolucionária. Se trata da conclusão de uma pesquisa de Iniciação Científica onde, a partir do Método Dialético em Marx (2001, 2002, 2003, 2007), foi possível realizar um levantamento bibliográfico de autores que trabalham com o conceito de utopia e com a concepção revolucionária, o que quer dizer que a pesquisa do ponto de vista do proletariado e da luta revolucionária.

O texto foi dividido em três partes: na primeira foi abordada *a Utopia e a Crítica Revolucionária*, apresentamos uma leitura de autores que trabalham o conceito de utopia, antes de apresentar a concepção de Ernst Bloch, tais como: More (1994), Coelho (1993) e Albanoz (1958).

Na segunda parte, intitulado *Concepção de Utopia em Ernst Bloch*, apresento a sistematização da leitura dos três volumes de sua obra *O Princípio Esperança*, sendo que a fundamentação teórica está presente no volume I, onde será analisado o conceito de utopia em Ernst Bloch.

Na terceira parte, *A Utopia e a Crítica Revolucionária em Bloch*, parte fundamental desta pesquisa, é onde apresento a relação do conceito de utopia em Bloch e sua relação com a crítica revolucionária. Por fim, nas *Considerações Finais*, tem-se uma breve discussão sobre a importância do conceito de utopia e a crítica revolucionária.

Sobre a Utopia e a Crítica Revolucionária

Para o ter uma noção sobre os conceitos que estão sendo trabalhados nesta pesquisa, se optou por fazer um levantamento de breves definições sobre utopia e crítica revolucionária, apresentando primeiro a definição em dicionários e depois para alguns autores. Como já foi mencionado acima, primeiramente estarei abordando o conceito de Utopia, e em seguida a concepção de crítica revolucionária.

* Graduado em Licenciatura Plena em História e Especialista em Ensino de História pela Universidade Estadual de Goiás e mestrando em sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

Sobre a utopia, Abbagnano (1998) faz uma síntese de definições do significado de Utopia por Thomas More; Platão; Comte; Marx e Engels e Marcuse; mas, de forma geral, utopia,

[...] representa a correção ou a integração ideal de uma situação política, social ou religiosa existente. Como muitas vezes aconteceu, essa correlação pode ficar no estágio de simples aspiração ou sonho genérico, resolvendo-se numa espécie de evasão da realidade vivida. Mas também pode tornar-se força de transformação da realidade, assumindo corpo e consistência suficientes para transformar-se em autêntica vontade inovadora e encontrar os meios da inovação, (ABBAGNANO, 1998, p. 987)

E complementa referindo-se ao primeiro significado, como uma integração social e/ou política que “[...] está ligada à chamada “teoria crítica da sociedade”, desenvolvida por Horkeimer, Adorno e Marcuse (especialmente este último), que se concentra sobretudo na crítica arrasadora da sociedade contemporânea”, (ABBAGNANO, 1998, p. 987). Nesta última citação, percebe-se que já faz uma certa ligação entre a questão da utopia com a crítica, próximo com o que Viana (2013) apresenta em seu texto, que será debatido a posteriori.

Boudon e Bourricaud (2001) apresentam no *Dicionário Crítico de Sociologia*, uma definição, de certo ponto, similar a esta. Sendo assim, ele define como “um gênero literário, uma espécie de ficção política, quanto a tentativa, frequentemente coercitiva e as vezes brutal, de realizar uma forma de organização social em que se presume materializar-se um Ideal considerado absolutamente bom” (BOURDON & BOURRICARD, 2001, p. 593). Posteriormente, se tem uma discussão sobre os tipos de utopia que se encontra em alguns autores que trabalham com este conceito, porém, não carece de tanto aprofundamento.

Coelho (1993), por exemplo, apresenta a utopia como,

Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria franqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se *esperança*; [...] Essa força talvez pudesse ser chamada, também, de força do sonho. Mas também seria um nome inadequado: acima de tudo, porque não somos nós que temos um sonho e, sim, o sonho que nos tem [...] Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites frequentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. [...] Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o sonho, sem o qual o sonho é uma droga narcotizante como qualquer outra qualquer e a vida, uma sequência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se

como o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções (COELHO, 1993, p. 7 -9).

Utopia para esse autor, é vista como uma liberdade, a linha tênue entre o sonho e a realidade, apresentada como uma sequência de banalidades ou mesmo de nada. Para nós, esta não é ainda a definição fundamental para o que seria a utopia na perspectiva da crítica revolucionária. Menos ainda teremos essa clareza/entendimento, se partirmos da concepção de utopia para More (1994). Em sua obra *A Utopia*, é apresentado como uma ilha, a ilha da utopia, onde tudo, todo o conjunto desta ilha é a sua explicação para este conceito. Para compreendê-lo precisamos analisar a obra na sua totalidade.

Os utopianos dividem o intervalo de um dia e de uma noite em vinte e quatro horas iguais. Seis horas são empregadas nos trabalhos materiais. Eis sua distribuição. Três horas de trabalho antes do meio-dia, depois almoçam. Depois do meio-dia, duas horas de repouso, três de trabalho, em seguida jantam. Contam uma hora onde contamos meio-dia, deitam-se às nove e reservam nove horas para o sono (MORE, 1994, p. 72)

Esse pensamento é impossível de se realizar, algo utópico, fantasia, a ilha da utopia é então, a ilha da imaginação de More. Se percebe que nessa ilha tudo funciona, tudo pode acontecer, de forma organizada e sem nenhuma objeção; isso é impossível de ser realizado, por isso toda a obra, tudo o que tem nela, é a sua concepção de utopia; a estrutura da cidade, a economia ou a política trata-se de um projeto, um plano inalcançável ou inatingível. Pensar a utopia carece de uma análise e muito mais profunda, que é o que será apresentado adiante tendo como referência Ernst Bloch (2005, 2006, 2005-6).

Não se apresenta neste trabalho vários autores que debatem a respeito da crítica revolucionária, sendo que focaremos somente na obra *Quadrinhos e Crítica Social – o universo ficcional de Ferdinando* de Nildo Viana (2013). Porquanto, na própria obra, Viana apresenta um debate entre alguns autores que estaremos apresentando a seguir.

Existem diversas definições para o que se entende por “crítica”, semelhante às várias definições sobre utopia, porquanto, diferente da discussão anterior, iremos apresentar somente a definição de Viana (2013). Segundo o autor,

[...] em Marx se encontra a melhor concepção de crítica e por isso a tomaremos como ponto de partida. Não se trata de buscar reconstituir a gênese deste conceito em Marx, tal como alguns fizeram (Assom Raulet, 1981) e sim apresentar sinteticamente o seu significado. Para Marx, a crítica não é um objetivo em si mesmo, ela é o pressuposto de algo, não é o fim, mas um meio. (VIANA, 2013, p. 82)

Sendo assim, para compreender a finalidade da crítica, precisamos compreender a sua estrutura e seu fundamento (VIANA, 2013). Desta maneira,

[...] a crítica é um projeto de superação das ideologias e ilusões da realidade social que as produz cujo objetivo é expressar a perspectiva do proletariado e contribuir com a transformação social (Marx, 1978). A crítica, então, nasce como um projeto de superação visando a transformação social, cujo objetivo é simultaneamente a realidade social existente e suas manifestações intelectuais ilusórias, expressando a classe revolucionária de nossa época, o proletariado (VIANA, 2013, p. 82)

Por conseguinte, a crítica que utilizamos parte da luta revolucionária, a luta concreta do proletariado contra a burguesia, tendo como objetivo final o fim da divisão social de classes e, conseqüentemente, o fim do capitalismo e o objetivo de instituição de uma sociedade autogestionária.

Desta maneira a concepção de crítica aqui apresentada parte da ideia de uma crítica radical, onde tem como base o marxismo, ou seja, uma teoria que apresenta a crítica à sociedade capitalista, que rompe com ela e vincula a um projeto de transformação social radical cujo agente concreto é o proletariado (VIANA, 2013, p. 83). E, a segunda, temos uma crítica que não se baseia na totalidade da sociedade, portanto, é uma crítica moralista ou fragmentaria (VIANA, 2013, p. 84).

Concepção de Utopia em Ernst Bloch

Nascido em 1885 em Ludwighasfen, junto ao Reno, e falecendo em 1977 em Tubinga – Alemanha, Bloch foi um estudante de filosofia, filologia, música e física em Minique e Würzburg (ALBONNOZ, 1985, p. 13). Dentre dos vários trabalhos traduzidos do alemão para o português, se destaca os três volumes de *O Princípio Esperança*, obra densa e repleta de informações e reflexões, onde se destaca, principalmente, "o conceito de princípio utópico, no bom sentido, a rigor torna-se aqui ainda mais central, qual seja: o da esperança e de seus conteúdos ligados à dignidade humana" (BLOCH, 2005, p. 17).

Como bem apresentou Bloch, falar de utopia é pensar em esperança, e, este conceito é fundamental para a humanidade. Podemos, com base em Bloch, afirmar que

A falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas. É por isso que até mesmo a fraude, para ser eficaz, tem de trabalhar com esperança lisonjeira e perversamente estimulada (BLOCH, 2005, p. 15)

E complementa que "o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários, e todos os cristãos o conhecem a seu modo, com a consciência adormecida ou manifestando comoção, a partir dos trechos bíblicos messiânicos ou do êxodo" (BLOCH, 2005, p. 18). Podemos compreender a utopia como a força de luta em busca de algo novo, algo que fará com que o meio atual seja eliminado e substituído por algo melhor, sendo que no caso da luta revolucionária, que irá acabar com a divisão social de classes, conceberá uma liberdade social, política e econômica dos trabalhadores.

Na sociedade em que vivemos, no modo de produção capitalista, onde tudo é mediado pelo lucro e, principalmente, prevalece os objetivos burgueses que buscam explorar a classe trabalhadora, se pode pensar que,

A própria vida foi protegida e cercada, bem no alto, por ameias que, no entanto, podiam ser galgadas a qualquer momento para lançar o olhar ao longe. Esta conexão entre o espaço estreito e a bela terra estrangeira não desaparece nem depois disso. O que vale dizer que, desde esse tempo, a terra ideal é uma ilha (BLOCH, 2005, p. 31)

Essa ilha, se lembrando de More (1994), seria o lugar 'perfeito' para onde se apresentará o ser que deseja realizar seus sonhos, onde estará com sua perspectiva de vida relacionada ao lucro. Com desprezo, conforme Bloch, entendemos todos esses planos como utópico (BLOCH, 2005, p. 41). Essa vida, onde os sonhos podem ser realizados, de encontro da felicidade, enquanto estiver numa sociedade capitalista, estará associada ao acúmulo de riquezas e mercadorias.

A partir da leitura de Bloch, foi possível perceber dois significados sobre o conceito de utopia,

O ponto central entre sonho e vida, sem o qual o sonho produz apenas utopia abstrata e a vida, por seu turno, apenas trivialidade, apresenta-se na capacidade utópica colocada sobre os próprios pés, a qual está associada ao possível-real [...] Com isso, aqui teria lugar o conceito de *utópico-concreto*, apenas aparentemente paradoxal, ou seja, um antecipatório que não se confunde com o sonhar utópico-abstrato, nem é direcionado pela imaturidade de um socialismo meramente utópico-abstrato (BLOCH, 2005, p. 145)

Desta forma podemos pensar em dois tipos distintos de utopia, a utopia concreta e a utopia abstrata, e o autor complementa sobre a distinção dela que,

O que distingue a fantasia da função utópica da mera fantasia quimérica é o fato de apenas a primeira ter a seu favor um ainda-não-ser do tipo que pode ser esperado, isto é, que ainda não gira nem se perde em torno de uma possibilidade vazia, mas antecipa psiquicamente um possível real (BLOCH, 2005, p. 144)

Ou seja, existe uma utopia que está baseada na fantasia, em algo que não acontecerá, como a ilha de More, um lugar que para existir basta deitar e dormir; um sonho pelo qual não existe a possibilidade de acontecer, denominada por ele de utopia abstrata. Bloch apresenta que temos dois tipos de sonhos: os diurnos e os noturnos. Utilizando Costa (2009), ela apresenta que,

Bloch destaca uma diferença fundamental entre sonhos diurno e sonhos noturnos: o sonho noturno é a realização secreta de desejos antigos e circula no campo do reprimido e esquecido, já os sonhos diurnos são antecipadores do realmente possível (COSTA, 2009, p. 3).

Identificando isso, se pode compreender que a utopia abstrata é relacionada com o sonho noturno, algo que não tem a possibilidade de acontecer e que fica somente reprimido, algo que não teria forma de existência, semelhante a ilha da utopia de More. O autor ainda afirma que dentre todos os seres, somente o ser humano consegue velejar em sonhos sem base na realidade concreta, sendo que somente o ser humano, que, embora muito mais desperto, entra em efervescência utópica (BLOCH, 2005, p. 194).

Finalizando a questão da utopia abstrata, ele apresenta que "a vida psíquica sempre está enquadrada simultaneamente pelo noturno e pelo matinal. O sonho noturno se move dentro do esquecido, reprimido, enquanto o sonho diurno se move naquilo que de fato nunca havia sido experimentado como presente (BLOCH, 2005, p. 116).

Pensando o sonho diurno, podemos entendê-lo como um antecipador do que está sendo planejado para vir-a-ser; uma grande possibilidade de vir a ser realizada e concebida mediante a uma luta. Bloch sintetiza que,

A utopia é, na sua forma concreta, a vontade testada rumo ao ser do tudo; nela atua, portanto, o *páthos* do ser, que anteriormente esteve voltado para uma ordem do mundo, até uma ordem do supramundo, bem-sucedida, supostamente fundada já de modo bem-acabado (BLOCH, 2005, p. 307)

A utopia concreta está inteiramente relacionada com,

[...] os valores da felicidade baseada no conforto deslocam-se para as perspectivas do sonho dial revolucionário, já porque a felicidade não decorre mais da infelicidade do outro nem se mede por ela [...] Em lugar da liberdade para comprar, brilha a liberdade resultante do comprar; no lugar da imaginada alegria de vigarista na guerra econômica, a imaginada vitória na luta de classes proletária. E, ainda acima desta, resplandecem a paz distante, a oportunidade distante de ser solidário com todos os seres humanos, ser amigável com todos, ocasião que constitui o alvo distante da luta (BLOCH, 2005, p. 42)

Somente a utopia concreta, conforme apresenta o autor, tem a possibilidade de romper com o atual modo de produção capitalista. Se pode perceber que o autor parte de uma base crítica revolucionária, tendo como fio condutor o materialismo histórico dialético de Marx; bem como de que ele aponta para o socialismo, conforme aponta Albornoz (2015), "foi o socialismo, a luta de emancipação socialista pela afirmação de novos direitos das classes trabalhadoras e a conquista de novas condições humanas de igualdade, dignidade e felicidade (ALBORNOZ, 2015, p. 23).

A Utopia e Crítica Revolucionária em Bloch

Compreendido o significado de utopia na concepção de Bloch e sobre a crítica revolucionária, estaremos apresentando qual, e se existe, a relação entre ambos. Vamos discutir se a concepção de Bloch pode ser entendida como uma perspectiva crítica assim como previsto pelo Método-dialético de Marx.

Bem se entendeu na parte anterior que existe dois tipos de utopia: a utopia abstrata e a utopia concreta, onde a primeira está relacionada a um sonho reprimido que não tende a ser realizado, e a segunda com o planejamento de algo que virá-à-ser, porquanto, terá que ter como fundamento uma teoria socialista, pois se levará a algo melhor que se busca de forma revolucionária.

Citando Viana (2013), onde o autor apresenta que,

A crítica, então, nasce como um projeto de superação visando a transformação social, cujo objeto é simultaneamente a realidade social existente e suas manifestações intelectuais ilusórias, expressando a classe revolucionária de nossa época, o proletariado (VIANA, 2013, p. 82)

Fica entendido que ela rompe com o abstrato da realidade social, conforme Bloch insinua ao falar sobre a utopia concreta, pensando em uma forma de organização social que rompe com a divisão de classes. Sendo que não pode ser qualquer crítica, deve ser algo fundamentada radicalmente em uma perspectiva revolucionária. Desta forma, Viana deixa claro de que a crítica

[...] inspirada no marxismo, ou seja, numa teoria da sociedade capitalista e vinculada a um projeto de transformação social racial cujo agente concreto é o proletariado [...] essa crítica também pode ser realizada a partir de uma concepção anarquista, quando embasada numa concepção de lutas de classes, ou seja, não individualista (VIANA, 2013, p. 83).

Com isso em mente, o método-dialético como referência e a luta revolucionária como ação, ficou-se claro quem é o agente concreto que Bloch apresenta em sua obra,

[...] todas as turvações e todos os desvios ocorridos pelo caminho só podem ser realmente criticados e até removidos de dentro do marxismo; pois é ele o único herdeiro daquilo que, na antiga burguesia revolucionária, era intencionado em termos de humanidade. E através do conhecimento de que a sociedade de classes, em grau extremo a capitalista, provoca todo tipo de auto-alienação, ele foi o único que avançou até sua raiz eliminável (BLOCH, 2005-6, p. 444)

Pensar no marxismo como um fio condutor para a crítica, estamos vendo a realidade social concreta, sem nenhuma intervenção abstrata ou fictícia que a possa deturpar, e dessa maneira fazer a crítica dos valores, das crenças, da divisão de classe. A partir dessa referência é que se pode compreender que a classe trabalhadora poderá romper com os grilhões que a prende.

Considerações finais

Para concluir este trabalho, sintetiza-se a importância do debate sobre o conceito de utopia em Bloch e a sua relação com a crítica revolucionária. Além disso, destacamos a relevância da leitura de Bloch (2005, 2006, 2005-6) e de Viana (2013) para quem deseja compreender ambas as concepções, respectivamente sobre utopia e crítica revolucionária, ou mesmo ter uma base significativa para pesquisas mais profundas.

Lembrando primeiramente do método que dá a base para essa pesquisa, que é o materialismo-dialético de Marx, ele tem em sua própria essência analisar a realidade concreta, e nisso já faz uma alusão à utopia concreta, ao mesmo tempo que parte da realidade para a própria realidade, ou seja, não concebe em si uma referência abstrata.

Por seguinte, tanto Viana quando Bloch são autores que utilizam este método como referência em seus trabalhos, que escrevem a partir de uma base que rompe com todas as amarras do capitalismo. É somente a partir disto que conseguem realizar uma verdade crítica radical. Ambos os autores apresentam como utopia concreta o fim do modo de produção capitalista e o surgimento de uma forma de organização social onde as pessoas, os trabalhadores, todos os seres humanos, possam desfrutar de uma total liberdade social, econômica e política. Totalmente distinto da falsa liberdade que dizem que a sociedade possui.

Por fim, se acredita que esse tipo de trabalho, essas pesquisas, representam um importante passo em relação a divulgação, sistematização e crítica da realidade. São

pequenos fragmentos como esse que oportunizam outras pessoas a terem acesso à uma leitura crítica e concreta da sociedade.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martin Fontes, 1998.
- ALBORNOZ, Suzana. *Ernst Bloch e a Felicidade Prometida*. Revista Espaço Livre, V. 10, n. 19, jan. jun./2015
- _____. *Ética e Utopia: ensaio sobre Ernst Bloch*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985.
- BOURDON, Raymond e BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança Vol. I*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005
- _____. *O Princípio Esperança Vol. II*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006
- _____. *O Princípio Esperança Vol. III*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005-6
- COELHO, Teixeira. *O que é Utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- COSTA, Maria de Fátima Tardin. *A Utopia na Perspectiva de Ernst Bloch*. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/526.%20%20a%20utopia%20na%20perspectiva%20de%20ernst%20bloch.pdf>, acesso em 10 de maio de 2017.
- MARX, Karl. *Carta a Annenkov*. In: MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. Prefácio 1ª e 2ª edição de O Capital. In: MARX, Karl. *O Capital, volume I*. São Paulo: Nova Cultura, 1998.
- _____. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.
- MARX, Karl e Engels, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORE, Thomas. *A Utopia*. Bauru-SP: EDIPRO, 1994.
- VIANA, Nildo. *Quadrinhos e Crítica Social: o universo ficcional de Ferdinando*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.